

AS INTERSEÇÕES ENTRE HISTÓRIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA WEB OF SCIENCE*

Alan de Hollanda Vieira Guerner

RESUMO

O tema deste artigo é a interdisciplinaridade de forma aplicada às interseções entre História e Ciência da Informação (CI). O objetivo geral é identificar quais são as correntes historiográficas mais utilizadas em artigos científicos da área de CI, recuperados na Web of Science (WoS). Para tanto, defiram-se os seguintes objetivos específicos: a) Descrever, sumariamente, as correntes historiográficas identificadas na subárea de Teoria da História; b) Caracterizar os aspectos quantitativos e qualitativos da produção recuperada na WoS; c) Categorizar em subáreas as produções recuperadas na WoS, tendo por base as temáticas destas produções científicas; d) Identificar as correntes historiográficas e os(as) autores(as) de História mais utilizados na produção recuperada na WoS. No aspecto metodológico, trata-se de pesquisa básica, qualitativa, descritiva e exploratória, com procedimento técnico de pesquisa bibliográfica e revisão narrativa de literatura. Como resultados, apresenta-se um quadro sintético das principais correntes historiográficas, dados gerais da produção científica como autores, seus perfis profissionais, períodos de publicação e os periódicos que mais publicaram artigos sobre a temática. Além disso, mostra-se que as principais temáticas que relacionam a História à CI são: história oral, história local, história do livro, história do ensino e relações entre CI e história das informações em saúde. Os autores que servem de referência para as duas áreas são Michel Foucault e Peter Burke e as correntes historiográficas de maior influência são a Nova História Cultural e a Escola dos Annales. Conclui-se que a influência dos autores e das correntes historiográficas constatadas conferem à produção científica internacional da área de CI um caráter crítico, político, cultural e social.

Palavras-chave: Correntes de pensamento. Epistemologia da Ciência da Informação. Interdisciplinaridade. Historiografia.

1 INTRODUÇÃO

A concepção de que a Ciência da Informação (CI), é uma área interdisciplinar, perpassa pelo trabalho de muitos autores. Como por exemplo, no artigo de Saracevic (1996), em que o pesquisador aponta que a CI possui três características gerais, da qual uma delas, seria a de que é uma área interdisciplinar ‘por natureza’. Seguindo a mesma perspectiva, Pinheiro e Loureiro (1995) destacam que a interdisciplinaridade é uma característica latente da CI. Fato que Silva e Oliveira (2019) complementam ao expressar que a interdisciplinaridade é uma característica que viria desde a criação da CI já que esta teve “contribuições das mais diversas áreas do conhecimento.” (SILVA; OLIVEIRA, 2019, p. 5).

Tendo em vista esta interdisciplinaridade, o presente artigo analisa especificamente as contribuições e os diálogos entre a área de História e CI. Segundo Silva e Oliveira (2019), estudos que tenham como foco as relações entre essas duas áreas do conhecimento proporcionam a compreensão de técnicas, métodos e teorias, sendo análises úteis para as reflexões e discussões presentes na CI e na História.

* Trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob orientação do Prof. Dr. Cezar Karpinski do Departamento de Ciência da Informação.

Sendo assim, o tema deste artigo é a relação epistemológica entre a área de História e da CI. Para desenvolver este tema, definiu-se como problema de pesquisa a seguinte pergunta “Quais são as correntes historiográficas mais utilizadas em artigos científicos da CI, presentes na área *Information Science Library Science* da *Web of Science* (WoS)?”

Para responder ao questionamento supracitado, o objetivo principal da pesquisa foi de identificar quais são as correntes historiográficas mais utilizadas em artigos científicos da área de CI, recuperados na WoS. Para tanto, defiram-se os seguintes objetivos específicos: a) Descrever, sumariamente, as correntes historiográficas identificadas na subárea de Teoria da História; b) Caracterizar os aspectos quantitativos e qualitativos da produção recuperada na WoS; c) Categorizar em subáreas a produção recuperadas na WoS, tendo por base as temáticas destas produções científicas; d) Identificar as correntes historiográficas e os(as) autores(as) de História mais utilizados na produção recuperada na WoS.

Como justificativa, defende-se que os resultados apresentados contribuem para a compreensão das interconexões epistemológicas e para a identificação dos aspectos interdisciplinares entre a CI e a História. Além disso, o estudo mostra as principais influências da área de História nos trabalhos de CI, especialmente a relação com as correntes historiografias e os historiadores que são mais referenciados.

Por fim, outra justificativa para a realização desta pesquisa se encontra na trajetória do autor, que é graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e atualmente é graduando em Biblioteconomia pela mesma instituição. Possuindo, deste modo, além de um vínculo acadêmico, uma relação afetiva com as duas áreas de conhecimento.

O artigo se estrutura a partir de seis seções, sendo a primeira delas essa introdução sobre o tema. Já a segunda apresenta o referencial teórico da pesquisa, ou seja, os autores e conceitos utilizados durante o trabalho. A terceira busca descrever os procedimentos metodológicos aplicados durante todo o processo da pesquisa, sejam eles com relação à coleta, ao tratamento ou à análise dos dados.

A quarta e a quinta seções apresentam os resultados da pesquisa. Primeiramente uma descrição das correntes historiográficas mais relevantes, com os historiadores considerados mais importantes e um quadro síntese dessas informações. Em seguida, apresentam-se as análises e interpretações da produção científica da área de CI selecionada da WoS. Por fim, a sexta seção pontua algumas considerações finais sobre o tema e os resultados alcançados durante a pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fim de compreender as interconexões entre História e CI, é importante discorrer brevemente, sobre os principais aspectos conceituais da CI, tendo como enfoque as discussões sobre a interdisciplinaridade e os possíveis diálogos entre as duas áreas. Assim, apresenta-se, nesta seção, algumas discussões sobre os fundamentos da CI e as primeiras constatações sobre o lugar que a História, enquanto campo disciplinar, ocupa em seu escopo interdisciplinar.

2.1 FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao descrever sobre o que seria a CI, Saracevic (1996) relata que não é possível compreender esta área apenas por questões léxicas ou ontológicas. Pois, segundo o autor, o que a define se relaciona aos problemas que a própria CI estabelece como relevantes para si.

Concordando e aprofundando essa opinião, Alves, Cabral e Oliveira (2016) apontam que, na literatura da CI, existe uma constante busca de identidade para a área, tanto no seu aspecto disciplinar quanto no científico. E, como efeito disso, a CI, desde sua criação, procurou estabelecer preocupações próprias, sejam elas conceituais ou práticas.

Dentre os fatores identitários da área, segundo Araújo (2014), está a atenção para a circulação e a disseminação da informação, tanto nos aspectos técnicos da custódia e gestão dos documentos, campos próprios da Biblioteconomia e da Arquivologia, quanto nos aspectos tecnológicos da recuperação da informação, campo dialógico com a computação. Assim, a CI estaria no âmbito das fontes documentárias, como suporte para informação, e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas interfaces com os usuários.

Essa relação com as TICs já é constatada nas três características que, segundo Saracevic (1996), estabelecem a necessidade e aplicabilidade da CI

Primeira, a CI é, por natureza, interdisciplinar, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada. Segunda, a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação (SARACEVIC, 1996, p. 42).

Contribuindo com estas reflexões, Araújo (2014) aponta que durante o processo de institucionalização da CI, esta passou a ser vista como uma área científica, “dedicada à informação em ciência e tecnologia”. (ARAÚJO, 2014 p. 7). Ainda sobre o contexto de criação e formação da área, Pinheiro e Loureiro (1995) destacam que a CI nasceu em uma sociedade marcada por um contínuo crescimento informacional. Além disso, segundo os autores, nesta

conjuntura a informação e a tecnologia seriam vistas como partes importantes para o desenvolvimento econômico da sociedade.

Pinheiro e Loureiro (1995) apontam, que o próprio nome “Ciência da Informação”, teria sido criado por volta da década de 1960, período em que outras áreas científicas e interdisciplinares também foram estabelecidas. Sendo que a CI teria sido fundamentada, por meio de estudos que eram voltados para: a produção, o processamento e o uso da informação.

Sobre estas questões, Saracevic (1996) comenta que “como muitos outros campos interdisciplinares (como ciência da computação, pesquisa operacional) a CI teve sua origem no bojo da revolução científica e técnica que se seguiu à Segunda Guerra Mundial” (SARACEVIC, 1996, p. 42). Além disso, segundo o mesmo autor, este processo de formação da CI ainda estaria em desenvolvimento e possui fortes relações com as novas necessidades ligadas à informação e à tecnologia, que se consolidam no contexto pós-Segunda Guerra Mundial.

Já com relação às bases teóricas e conceituais da área, Pinheiro e Loureiro (1995) apontam que a CI seria uma área do conhecimento científico de caráter interdisciplinar. Destacando ainda, que as disciplinas que compõem o arcabouço teórico da CI, variam de autor para autor, existindo, desta forma, diversas visões e interpretações do que fundamentaria a CI.

Nesse sentido, Araújo (2014) comenta que a CI buscou, desde sua consolidação, ser reconhecida como uma área autônoma, mesmo possuindo proximidades com a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia. Deste modo, esta área procurou encontrar respaldo teórico e conceitual em outras disciplinas e campos, como os projetos relacionados à recuperação da informação, que estavam em desenvolvimento na década de 1950 e 1960, e a Teoria Matemática da Comunicação, fundamentada por Shannon e Weaver.

A busca por uma identidade fez com que a CI fosse apresentada como uma ciência interdisciplinar (ARAÚJO, 2014; PINHEIRO; LOUREIRO, 1995; SARACEVIC, 1996). Entretanto, Smit e Tálamo (2007) destacam que, mesmo que a CI afirme recorrer a termos e conceitos provenientes de outras áreas, o seu caráter interdisciplinar “é mais objeto de afirmação do que de discussão ou explicação” (SMIT; TÁLAMO, 2007, p. 35). Sobre isso, os autores também destacam que um dos maiores problemas sobre esta questão é a adoção de teorias provenientes de diversas áreas, que em muitas situações são inconsistentes entre si.

Ainda neste diálogo, Oliveira (2011, p.21) relata que, pelo fato da CI “trabalhar em demasia nos espaços fronteiriços”, ocorre pouca reflexão sobre a coerência teórica na utilização de certas perspectivas. Para a autora, este seria um problema, já que a área não buscaria resolver sua fragmentação conceitual, o que poderia tornar a CI vulnerável do ponto de vista epistemológico.

Como uma possível solução ao problema levantado por Oliveira (2011), Silva e Freire (2019) apontam que o estudo das questões epistemológicas da área, permitiriam “encontrar a identidade, criar um corpo conceitual claro e definido, mantendo relações interdisciplinares.” (SILVA; FREIRE, 2019, p. 2). Complementando esta posição, Saldanha (2020) explica que o epistemólogo aproxima uma “filosofia do ‘entre’, capaz de operar entre a objetividade e a subjetividade que permeiam a atividade científica” (SALDANHA, 2020, p. 35). Dessa forma, o avanço das pesquisas no escopo epistemológico permite a compreensão dos objetos, os métodos e as teorias da CI, além de estabelecer relações interdisciplinares de acordo com as necessidades da área.

2.2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Os autores Silva e Freire (2018) apontam a importante relação entre a historiografia e a epistemologia para o desenvolvimento da CI. A epistemologia, neste contexto, estaria relacionada às questões filosóficas de interesse da área e a historiografia, por sua vez, seria importante para a CI porque

se direciona para os relatos dos fatos a partir da perspectiva de quem investiga a sua história. Ou seja, a cultura da comunidade científica é parte intrínseca da composição do universo histórico e cultural dos atores sociais das áreas de domínio desse campo (SILVA; FREIRE, 2018, p.4).

Desta forma, a historiografia seria considerada por eles “como a observação crítica da história por meio de fatos e marcos enaltecidos de determinados momentos” (SILVA; FREIRE, 2018, p.4).

Já Silva e Oliveira (2019) apontam que a relação entre a área de História e CI é pouco abordada e estudada. Os mesmos autores ainda consideram que a falta de discussões entre a CI e a área da História se reflete na formação profissional dos cientistas da informação, que não possuem preparo teórico e metodológico para lidarem com questões históricas ou para realizarem estudos históricos. Por isso, um diálogo que aproxime essas duas áreas pode contribuir de diversas maneiras, já que possibilitaria uma melhor compreensão de métodos e teorias úteis para a CI como, por exemplo, o “estudo de antigos objetos e contextos informacionais” (SILVA; OLIVEIRA, 2019, p. 5).

Neste aspecto, vale destacar a posição de Murguía (2011, p.51) ao descrever a importância de entender o documento não apenas como “um dispositivo social, mas também como um fenômeno conceitual”. Aliás, este autor chama a atenção para o fato de que o documento e a informação nele contida possui um contexto histórico, com agentes criadores que não são neutros.

Por fim, Alves, Cabral e Oliveira (2016) apontam, que a CI, a Arquivologia e a História, se relacionam no “momento em que se tem a intenção de preservação da memória, com o intuito da organização, do tratamento, visando a disseminação da informação, registrada em suportes especiais ou especializados.” (ALVES; CABRAL; OLIVEIRA, 2016, p. 46). Além disso as autoras destacam, que as relações interdisciplinares, podem favorecer o desenvolvimento de novas perspectivas.

Pelo exposto até aqui, percebe-se que a História e a subárea de Historiografia são aderentes ao escopo epistemológico da CI. Assim, conceitos, objetos e procedimentos metodológicos podem confluir para o enriquecimento do campo teórico das duas áreas. Na CI, a teoria e a metodologia da História contribuem para a formação técnica do cientista da informação no âmbito da escrita crítica de sua história. Para a História, a expertise da CI enriquece a crítica às fontes documentais, objeto primordial do trabalho do historiador.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que dá origem a este artigo se caracteriza como básica, quali-quantitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica, possuindo também características bibliométricas, já que realiza um levantamento de dados na Web of Science (WoS).

O perfil da pesquisa é de caráter básico porque, de acordo com Menezes (2009), busca produzir novas compreensões sobre as relações interdisciplinares da área de História com a CI. Já do ponto de vista de seu objeto, este trabalho é exploratório, pois visa estabelecer uma maior familiarização com o problema analisado. Além disso, é descritiva porque pretende discorrer sobre as fontes de informação selecionadas. Nesse aspecto, o procedimento técnico utilizado foi o de pesquisa é bibliográfica.

A coleta e a análise dos dados foram realizadas em duas etapas, sendo que a primeira se voltou especialmente ao debate teórico acerca das correntes historiográficas. De caráter analítico, esta fase se pautou na técnica da revisão narrativa de literatura. Segundo Rother (2007), esta técnica está atrelada a “publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual.” (ROTHER, 2007, p. 1) Desta forma, este momento da pesquisa se concentrou na leitura de livros, capítulos e artigos de Teoria da História, realizando fichamentos e resumos que serviram para posterior organização dos dados e informações acerca da história da História. O principal resultado deste trabalho foi a sistematização de um quadro com as principais correntes teóricas, autores e características que serviu para auxiliar nas análises aos artigos selecionados da base de dados escolhida para a pesquisa.

Já na segunda etapa, a pesquisa se concentrou na seleção e análise dos artigos indexados na base de dados da WoS. O acesso a essa base se deu por meio do portal de periódicos da Capes e da utilização do *Virtual Private Network* (VPN) da Universidade Federal de Santa Catarina.

Após o acesso a esta base, foram estabelecidas as estratégias de busca, optando-se pela busca simples com descritor *History*, no campo *Title* (título). Desta primeira consulta, realizada no dia 4 de novembro de 2021, foram recuperados 457.955 documentos. A partir daí, se estabeleceram os seguintes filtros: a) Área *Information Science Library Science*, que resultou no número de 8.139 documentos recuperados; b) Limitado apenas aos documentos *Open Access* (acesso aberto), cujo resultado passou para 441; c) Tipo de documento, *Article* (Artigos) e nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, o que restringiu o universo da pesquisa em **156 documentos**.

Vale destacar que não houve delimitação temporal, permitindo, assim, recuperar trabalhos de qualquer período, desde que eles cumprissem com todos os critérios citados acima. Ao finalizar o processo de filtragem, constituiu-se o instrumento de análise dos dados. Para tanto, utilizou-se o *Software Excel*, a partir de tabelas que serviram para tratar todos os dados extraídos da base a partir do download de arquivo no formato .xls.

Com relação ao tratamento dos dados coletados, a planilha estruturada para esta atividade, possuía quatro abas distintas, que exigia a inclusão dos seguintes dados: a) Primeira aba: inserção dos dados descritivos do documento como o código criado para cada artigo selecionado, a autoria, o título, o ano de publicação, o periódico em que foi publicado e o link de acesso; b) Segunda aba: inserção do resumo de cada um dos 156 artigos; c) Terceira aba: inserção das palavras-chave definidas pelos autores dos artigos; d) Quarta aba: inclusão das referências bibliográficas de cada um dos trabalhos.

Os dados inseridos na primeira aba da planilha do Excel foram importados do arquivo gerado pela WoS e, posteriormente, conferidos em cada um dos documentos originais. Já para a obtenção dos dados da segunda à quarta aba, que dizem respeito ao resumo, às palavras-chaves e ao referencial bibliográfico, foi necessário coletar estas informações de cada documento. Deste modo, todos os 156 artigos foram acessados e os dados compilados a partir dos documentos disponíveis em html ou pdf. Com relação às palavras-chaves e ao resumo, optou-se por seguir o padrão da WoS, ou seja, foram inseridos na planilha apenas os termos e os resumos definidos pelos autores e que estivessem em língua inglesa.

Para sistematizar os procedimentos metodológicos em relação aos objetivos, suas fontes e resultados, apresenta-se o Quadro 1.

Quadro 1 – Síntese da pesquisa

Objetivo específico	Fontes	Método	Resultados alcançados
a) Descrever, sumariamente, as correntes historiográficas identificadas na subárea de Teoria da História	Bibliografia (História)	Pesq. Bibliográfica Revisão Narrativa de Literatura	Quadro síntese das principais correntes historiográficas.
b) Caracterizar os aspectos quantitativos e qualitativos das produções recuperadas na WoS	Artigos WoS	Pesquisa bibliográfica	Autoridades, data, periódicos, países e demais dados da produção científica
c) Categorizar em subáreas as produções recuperadas na WoS, tendo por base as temáticas destas produções científicas			Sistematização dos assuntos produzidos sobre a temática na CI
d) Identificar as correntes historiográficas e os(as) autores(as) de História mais utilizados na produção recuperada na WoS			Historiadores e correntes historiográficas mais utilizados na CI

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

4 HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E SUAS CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS

Antes de iniciar qualquer tipo de reflexão acerca da área de História, faz-se necessário entender alguns conceitos e fundamentações teóricas sobre a área. Para Reis (2006), “não há pesquisa histórica empírica sem o apoio implícito ou explícito da teoria e a teoria é estéril sem a pesquisa histórica” (REIS, 2006, p. 8). Não sendo possível deste modo, pensar na ‘Teoria da História’ desvinculada da prática de fazer História e vice-versa.

Há que se diferenciar a ‘história’ como fenômeno e a ‘História’ como área científica. Sobre isso, Torres (1996, p.52) descreve que, epistemologicamente, uma narrativa sobre as atividades humanas no tempo, sempre será “uma possibilidade de produção do conhecimento, de um saber distinto da impossibilidade de elaboração de uma história”. Além disso, este processo intelectual, que busca analisar as atividades humanas no tempo, são o que ele chama de “uma história-conhecimento, articulada no espaço-tempo do historiador e nos condicionantes que atuam sobre ele” (TORRES, 1996, p. 52).

Ainda sobre esse assunto, Torres (1996) descreve que o conhecimento científico em história, se constitui como um trabalho intelectual, possuindo métodos racionais e críticos, além de instrumentos teórico-metodológicos para as análises dos documentos históricos. Sendo que, por meio deste processo, o conhecimento científico em história, passaria a formular, “verdades relativas dinamizadas no espaço-tempo do elaborador.” (TORRES, 1996, p. 52).

E é deste processo intelectual, que se encontra o que podemos chamar de Historiografia que, segundo Torres (1996), seria “toda produção do conhecimento histórico (ou de outras áreas do conhecimento) referente a determinado tema e período.” (TORRES, 1996, p. 56). Desta forma, para o autor, a historiografia é a construção de uma interpretação, localizada em um

contexto intelectual, político, social e econômico, que reflete as concepções intelectuais de um determinado período.

Trazendo também algumas reflexões sobre o assunto, Roberto de Andrade Martins (2004) aponta que a historiografia seria a produção intelectual dos historiadores, sendo diferente da história, que é entendida como um conjunto de situações e acontecimentos de uma época e uma região. Deste modo, para o autor, “a história é algo que se pode considerar como existente independentemente da existência dos historiadores (a menos que se adote uma postura filosófica idealista).” (MARTINS, 2004, p. 1).

Outra reflexão importante é a de José de Assunção de Barros (2014b) que aponta que “a ‘Teoria da História’ tem sua própria história, e não há muitas divergências entre os historiadores com relação aos seus começos” (BARROS, 2014b, p. 11). O autor ainda comenta que mesmo que a existência da ‘história’ como prática de pesquisa e escrita seja milenar, a noção desta, ligada a uma dimensão ‘teórica’ própria, é algo muito recente na história do conhecimento ocidental. Barros (2012a) ainda complementa que a ‘teoria da história’ possui fortes relações com o surgimento das pretensões de cientificidade da História. Para o Barros (2014b), a refundação da História, como conhecimento científico, teria ocorrido na passagem do século XVIII ao XIX.

O mesmo autor ainda afirma que as “Teorias da história” são espaços de reflexões coletivas que “dividem a comunidade de historiadores em torno de reflexões como aquelas relacionadas ao tipo de conhecimento científico que a História estaria apta a produzir” (BARROS, 2012a, p. 369). E dentro desta efervescência de discussões teórico-metodológicas, começam a se formar paradigmas historiográficos, como as correntes historiográficas do positivismo, do historicismo, do materialismo histórico etc.

Nesse sentido, os resultados apresentados nesta seção advêm de reflexões teóricas e sintetizam os principais aspectos da ‘Teoria da História’, subárea específica que identifica o campo epistemológico da História, com a abordagem de conceitos, metodologias e da chamada “história da História”, a Historiografia. Assim, descrevem-se as principais correntes historiográficas, bem como os autores que as fundamentam. Com esta análise, foi possível constituir uma síntese que serve de instrumento para analisar a produção científica da área de CI coletada na WoS.

4.1 HISTORICISMO E ROMANTISMO ALEMÃO (SÉCULOS XVIII e XIX)

Segundo Barros (2014b), o Historicismo Alemão e seus desdobramentos em outros países devem ser compreendidos a partir de uma relação direta com a formação dos Estados

Nacionais do século XIX. O autor ainda destaca que o Historicismo, desde seus primórdios e no decorrer de boa parte do século XIX, estava vinculado a um contexto conservador, do Estado e da Burocracia Estatal que, por sua vez, financiava projetos historiográficos.

Desta forma, Barros (2014b) destaca que existiam duas grandes questões para os primeiros historicistas alemães que se referiam à unificação alemã e à construção de um projeto de modernização sem riscos revolucionários. Este segundo aspecto se deve ao fato de que a maioria dos historicistas deste período possuíam fortes vínculos com a monarquia.

Para Reis (2002), esta perspectiva historiográfica buscava, em seus métodos, recorrer aos fatos para justificar as estruturas sociais e as ordens impostas. Nesse sentido, como corrente histórica o Historicismo tinha um caráter antirrevolucionário, conservador e tradicionalista. Reis (2002) ainda aponta que os historiadores desta corrente combatiam arduamente teorias iluministas e jusnaturalistas, ou seja, ideias que, de alguma forma, poderiam legitimar rupturas com o passado.

Tendo em vista esta característica, Reis (2002) destaca que, para os historicistas alemães, nenhum indivíduo poderia ser julgado por meio de valores externos ao contexto em que estava inserido. Assim, essa corrente de pensamento estabeleceu uma visão de mundo em que o ser humano era “multiforme, localizado e datado” (REIS, 2002, p.13). Deste modo, os historicistas alemães, diferentes de outras correntes historiográficas do mesmo período como o Positivismo e o Materialismo Histórico, buscavam elaborar uma história de caráter nacional e não universal.

Além disso, o historiador desta corrente, segundo Reis (2002), buscava nas ‘origens’ das sociedades, uma verdade sobre o passado. Assim, teriam condições de justificar a validade das instituições e das estruturas sociais por elas mesmas, não precisando de uma “razão” para sua legitimidade. Neste modelo de pensamento histórico, as instituições não surgiam de decisões racionais, mas por meio de um processo ligado a uma “alma histórica”. Sendo que para os historicistas alemães, de acordo com Reis (2002), o estudo da história e da tradição era mais importante e digno do que a Filosofia, pois os indivíduos estavam ligados à sociedade pela tradição e não pela reflexão.

Scholtz (2011) destaca que o Historicismo como movimento historiográfico é complexo. Entretanto, para o autor, esta corrente possuiria cinco características bem definidas e conectadas: 1) uma percepção universal da história para todos os fenômenos culturais; 2) uma compreensão metafísica da história; 3) uma relação romântica e tradicionalista com o passado; 4) uma análise positivista e objetiva dos dados históricos; 5) uma compreensão relativista sobre o passado.

Tendo em vistas estas características apresentadas por Sholt (2011), em especial com relação a análise positivista dos dados históricos, Reis (2002) afirma que, para os historicistas, não seria possível realizar uma narrativa histórica por meio de especulações sistemáticas e abstratas. Isto porque os membros desta corrente historiográfica acreditavam na necessidade do estudo de dados empíricos e fatos particulares para descrever eventos históricos. Esta forma de ver a história, segundo Reis (2002), auxiliou no projeto idealizado por parte destes historiadores de construir uma “história científica”, com o objetivo de se opor a uma “história filosófica”.

Neste ponto são interessantes as constatações de Barros (2014), que descreve a existência de uma grande proximidade entres os Românticos e os Historicistas. Entretanto, o que mais os diferenciava era o método utilizado por cada um. Para os Historicistas era necessário desenvolver uma rigorosa metodologia de crítica ao documento histórico, buscando trazer, desta forma, a cientificidade moderna às análises. Já para os Românticos, os métodos se baseavam em processos de empatia e intuição.

4.2 ESCOLA POSITIVISTA OU METÓDICA FRANCESA (SÉCULOS XVIII E XIX)

Segundo Barros (2014b), o positivismo do século XIX herdou algumas das características centrais do pensamento iluminista do século XVIII. Entre elas, destaca-se “a ambição de encontrar ‘leis gerais’ ou ‘padrões’ que a multiplicidade e a diversidade da experiência histórica poderiam encobrir” (BARROS, 2014b, p. 73). Além disso, o positivismo acrescentou “ao ideal iluminista de progresso, o conceito de Ordem” (BARROS, 2014b, p. 91).

Sobre o contexto histórico do Positivismo, Pinto Júnior (2012) aponta que a fundamentação e propagação dos pensamentos de Augusto Comte e da escola positivista, teria ocorrido no período de consolidação da revolução industrial europeia. Neste contexto, as perspectivas científicas estavam em alta, em especial as de caráter exato, como a matemática. O autor também destaca que uma das principais características da Escola positivista é, justamente, a metodologia utilizada pelos historiadores desta corrente. Seus adeptos defendiam uma História científica nos moldes das ciências exatas, estabelecendo, deste modo, a obrigatoriedade do rigor metodológico e da “neutralidade” do historiador durante a narrativa histórica.

Além disso, segundo Pinto Júnior (2012), os historiadores positivistas viam a necessidade de selecionar apenas documentos que possuíam plenitude científica, origens comprovadas e escrita definitiva. Deste modo, constitui-se a primazia dos “documentos oficiais”, aqueles que emanavam dos arquivos dos estados nacionais, uma vez que somente estes obedeciam aos critérios de seleção para as descrições históricas.

Para Reis (2006), a principal característica do positivismo francês é a História-narrativa. Neste modelo, a escrita histórica era uma descrição fiel do que realmente aconteceu no passado, chegando ao ponto do historiador se “ocultar” como autor e criador do relato histórico. Desta forma, os textos escritos pelos positivistas assumiam um caráter de “passado-real” e “imparcial”.

O modelo estrutural desta forma de narrativa histórica, para Reis (2006), possuía claras características bibliográficas e seus eventos estavam inseridos em uma continuidade teleológica. Assim, as narrativas apresentavam uma temporalidade linear na concepção do passado, presente e futuro que ocorria de forma progressiva e irreversível. Deste modo, a História induzia a percepção do passado como uma série de eventos objetivos, inseridos em um único e “verdadeiro” processo histórico. Quando narrados pelo historiador, cientista e neutro, com uso de fontes históricas, os eventos tornavam-se comprovadamente históricos e, a partir de então, sem dúvidas sobre sua existência.

Reis (2006) completa estas explicações afirmando que a narrativa histórica positivista era estruturada por um ‘olhar de cima’ ou daqueles que se constituíam como a elite política. Deste modo, a escrita da história sobre o viés positivista possuía também o objetivo de construir uma narrativa que apresentasse a verdade histórica permeada de posicionamentos políticos e ideológicos, construindo a ordem onde havia conflitos.

Sobre estas questões, Barros (2014b) comenta que o positivismo buscava por meio da ordem, a ‘conciliação das classes sociais’, ou melhor, “a submissão da massa de trabalhadores aos industriais que deveriam ser os responsáveis em encaminhar o bem ordenado progresso positivista” (BARROS, 2014b, p. 95) Desta forma, segundo o mesmo autor, o discurso do progresso no contexto positivista possuía um caráter mecanicista e automático, em que a humanidade, por meio dos avanços tecnológicos, deveria rumar inexoravelmente para um mundo melhor.

4.3 MATERIALISMO HISTÓRICO (SÉCULO XIX)

Segundo Barros (2011b) o Materialismo Histórico teria surgido no século XIX a partir das perspectivas de Karl Marx (1818 - 1883) e Friedrich Engels (1820 - 1895). Estes dois pensadores foram grandes criadores e recriadores de conceitos e percepções presentes no pensamento europeu de sua época, influenciado, desta forma, não só a História, como também a Economia, Sociologia etc.

Entretanto é importante diferenciar o Materialismo Histórico do Marxismo, uma vez que o primeiro se configura como um paradigma relacionado ao fazer historiográfico que visa,

assim como o Positivismo e o Historicismo, ser uma forma de entender a história e de fazer a História. Já o marxismo, é um modelo de ação política que visa dar condições para a existência de uma sociedade comunista (BARROS, 2011b)

Já para Reis (1998), o contexto em que o Materialismo Histórico está inserido é complexo, pois existiram várias vertentes historiográficas marxistas e não apenas uma. Esse fato implica cuidados ao analisar as influências marxistas na História, uma vez que essa corrente perpassa várias perspectivas históricas.

O autor também destaca que em cada uma dessas vertentes identificam-se distintas concepções sobre o fazer historiográfico. Desta forma, existe desde um Materialismo com forte caráter iluminista, com uma visão teleológica sobre o processo histórico que se consolidaria com a utopia comunista, até um Materialismo mais próximo de uma visão das ciências sociais, fundamentado no século XX, que não possuiria nem um caráter utópico, nem idealista.

Ainda sobre esta vertente marxista fundamentada no século XX, Reis (1998) destaca que esta teria sido pioneira na elaboração e construção estrutural da História. Já que na visão deste movimento historiográfico, o ideal revolucionário daria lugar à compreensão e à análise objetiva do modo de produção capitalista. Outra característica da historiografia materialista, segundo Reis (1998), é o fato que os historiadores desta vertente viam o tempo histórico na perspectiva das mudanças sociais, ou seja, por meio da desestruturação e reestruturação. E este processo de sobreposições de um futuro sobre o presente e passado, teria por base os conflitos e as lutas entre as classes sociais.

Para Barros (2011b), há três fundamentos indissociáveis e centrais para o Materialismo histórico que seriam: o próprio “Materialismo”; a “Dialética” e a “Historicidade Radical”. Além destes fundamentos, o autor destaca que existem três conceitos incontornáveis para a consolidação desta corrente historiográfica que são: a “praxis”; a “luta de classes” e o “modo de produção”. Por fim, Barros (2011b) aponta que um conceito fortemente discutido dentro desta corrente é o de determinismo, sendo ele de dois modos: o sincrônico, em que alguns aspectos da sociedade seriam derivados de outros; ou o diacrônico, que aponta que certas formações sociais geradas no decorrer do desenvolvimento histórico necessariamente se transformariam em outras.

Como consequência ou legado do Materialismo Histórico à História, Reis (1998) aponta a ampliação das temáticas históricas. Dessa forma, os historiadores, por meio dos estudos sobre a história econômica e de relações político-sociais, tiveram possibilidades de constituir uma historiografia crítica e estrutural.

4.4 ESCOLA DOS ANNALES (FRANÇA, SÉCULO XX)

De acordo com Barros (2012b), os historiadores Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) foram os fundadores da Escola dos Annales, que nasceu durante a primeira metade do século XX. Ainda segundo o autor, “a história dos Annales praticamente se superpõe a história da produção e recepção da Revista dos Annales” (BARROS, 2012b, p. 45). Tal periódico foi fundado por Bloch e Febvre no ano de 1929. Outro nome de grande importância para este movimento historiográfico, segundo Barros (2012b), foi Fernand Braudel (1902-1985) que teria consolidado o movimento dos Annales durante a segunda geração.

De forma distinta e crítica aos historiadores metódicos ou positivistas, a escola dos Annales buscou entender a complexidade de seu objeto de estudo. Desta forma, para Reis (2006), os historiadores desta corrente compreenderam que as narrativas sobre o passado seriam interpretações e não a reconstrução integral do que teria acontecido. Sendo assim, o historiador seria um agente ativo na construção de seu objeto de estudos, sendo necessário que ele “apareça” e explique sua concepção e compreensões históricas.

Além disso, para esta corrente historiográfica, de acordo com Reis (2006), o olhar sobre o passado seria baseado na ideia de uma ‘História-problema’, na qual os historiadores selecionariam seus objetos de estudo, procurando investigar um problema por ele formulado. Neste processo, o intuito é interrogar o passado, a partir do presente. O autor também destaca que a História-problema entraria em confronto com a História-narrativa praticada até então. Isso se deveu ao fato de que os historiadores dos Annales se opunham à noção de tempo da história iluminista, que conduziu a compreensão de uma história teleológica e factual.

Barros (2012b) aponta, que uma estratégia de projeção da escola dos Annales, desde a época de Bloch e Febvre, foi a noção de interdisciplinaridade para a História. Esta postura rompeu com uma História estigmatizada, por ser apenas uma literatura de fatos. Deste modo, a escola dos Annales buscou “assimilar conceitos que já vinham sendo desenvolvidos pelas demais Ciências Sociais e Humanas.” (BARROS, 2012b, p. 107) Além disso, a noção de tempo para os Annales, segundo Reis (2006), estava atrelada à perspectiva de um tempo histórico, dividida em três esferas, a longa, a média e a curta duração.

Sobre estas várias fases no pensamento dos Annales, Reis (1998) explica que ela se divide em três gerações, sendo cada uma composta por um grupo de historiadores que, no decorrer dos anos, propuseram diferentes perspectivas de se olhar e escrever a história. Um exemplo destas distinções e até divergências dentro da mesma perspectiva, segundo Reis (2006), é a transição de uma ‘história global’ para uma ‘história fragmentada’. Já que, diferente da primeira e da segunda geração, a terceira compreendia que “não há articulação global, não

há interpretação de todos os fatos, não há homogeneidade e transição dos níveis, não há síntese total pensável, não há historiador, sujeito histórico, capaz de olhar o absoluto” (REIS, 2006, p. 84).

Além disso, a escola dos Annales, como corrente historiográfica, segundo Reis (1998), buscou em suas discussões, ampliar a concepção de fontes históricas para além das fontes tidas como oficiais, maximizando as temáticas possíveis de serem estudadas pelos historiadores. Deste modo, uma linha de investigação importante para os Annales, em especial para a terceira geração, segundo Barros (2012, p.329), é a História das mentalidades, “campo histórico”, atrelado ao estudo das “formas coletivas de pensar e de sentir”.

4.5 HISTÓRIA SOCIAL INGLESA (SÉCULO XX)

Sobre a contexto de formação da corrente historiográfica da História Social Inglesa, Meira (2018) explica que seu surgimento se deve ao processo de organização da revista *New Left Review*, lançada em 1960. Foram responsáveis por essa revista, inicialmente, os historiadores E. P. Thompson, Charles Taylor, Alastair Macintyre, Raphael Samuel e Isaac Deutscher. O periódico foi utilizado para publicar o posicionamento crítico dos seus fundadores, em um contexto social cheio de conflitos e dicotomias. Entre os problemas deste período estão: a crise sociocultural do pós-guerra; a crise política e ideológica do Partido Comunista Britânico; a crise epistemológica das Ciências Humanas e Sociais durante a década de 1960.

Para Reis (1998), a História Social Inglesa se estabeleceu como perspectiva histórica a partir de uma vertente marxista, porém, com posições distintas das que seguiam o materialismo histórico. Isso porque estabeleceu a cultura como uma matriz estrutural histórica, principal responsável pelas permanências e transformações na sociedade. Além disso, a história social inglesa privilegia o papel das contradições na história e as dinâmicas sociais.

De acordo com Meira (2018), o novo significado dado ao conceito de “cultura”, bem como suas implicações históricas, é uma das maiores contribuições desta corrente historiográfica. Os historiadores da escola inglesa defendiam que a cultura deveria ser tomada a partir de sua forma plural, tanto no contexto das estruturas materiais quanto das formas simbólicas.

Desta forma Meira (2018) aponta, que a História social inglesa constrói uma narrativa histórica da sociedade por meio da experiência de indivíduos comuns, não mais das instituições ou grupos privilegiados. Neste sentido, o foco das pesquisas e da escrita historiográfica se detém ao modo de vida e às práticas culturais das pessoas.

O fundamental para esta corrente historiográfica é a experiência dos sujeitos na análise das relações e classes sociais, que são sempre mediadas/constituídas no espaço da cultura. É a valorização da experiência que os historiadores ingleses dessa vertente compreendem o lugar das classes sociais. De acordo com Meira (2018), a História Social Inglesa entende “classe” não como algo fixo como defendido pelo Materialismo Histórico Clássico.

Concordando com essa posição, Barros (2011b) relata que Thompson, importante historiador desta corrente historiográfica, deixa de compreender a classe social como uma estrutura e sim como uma instancia cultural, invertendo deste modo, “uma fórmula que até então era aceita sem maiores questionamentos dentro do pensamento marxista” (BARROS, 2011b, p. 124). Além disso, segundo Barros (2011b), a noção de ‘luta de classes’, para Thompson, passa a ser o ponto de partida para a formação da ‘consciência de classe’, que por sua vez dá forma para as ‘classes sociais’.

Sendo assim, os historiadores desta corrente, percebem as classes sociais como sendo algo fluído e mutável, ligado tanto a questões econômicas quanto culturais. Sendo necessário o entendimento da experiência do sujeito, para a compreensão das divisões sociais dentro das sociedades e da construção de uma consciência de classe. (BARROS, 2011b; MEIRA, 2018)

4.6 NOVA HISTÓRIA CULTURAL (FINAL DO SÉCULO XX)

Para Barros (2014) a ideia de uma ‘Nova História Cultural’ não está ligada apenas a uma definição de ‘História Cultural’ como modelo historiográfico. Isso porque permite a discussão sobre o que seria uma ‘Nova História Cultural’, pois, se existe uma “nova”, esta, estaria em confronto com uma ‘Velha História Cultural’? Neste sentido, Barros (2014a, p.12) comenta que “frequentemente a expressão é utilizada para designar grupamentos historiográficos específicos – ou seja, escolas, grupos de historiadores, movimentos sediados em países específicos”.

A expressão ‘Nova História Cultural’ passou a ser utilizada no final da década de 1980, para representar um novo paradigma para o campo da ‘História Cultural’. Porém, para Barros (2014a), esta nova percepção sobre a cultura já estava presente em realizações historiográficas desenvolvidas desde a década de 1970.

Lara (1997) explica que a ‘Nova História Cultural’, possui quatro características que a distingue das demais correntes historiográficas: 1) a relação entre cultura e sociedade; 2) a existência tanto da ideia de unidade quanto de diversidade cultural; 3) as variações do conceito de cultura; 4) problemas gerados pela noção estreita e limitada de cultura.

Barros (2014a) menciona que a ‘História Cultural’ clássica possuía um caráter elitista, tanto nos sujeitos quanto nos objetos de estudo. Sendo, desta forma, uma historiografia restritiva, limitada a escrita da história de grandes artistas e das obras de arte. Entretanto, para o autor, com a influência da Antropologia durante o século XX, o movimento da ‘Nova História Cultural’ buscou ampliar o conceito de cultura. Esses historiadores passaram, então, a não se limitar aos estudos da ‘alta cultura’, buscando compreender os demais processos comunicativos, que também passaram a compor o universo cultural.

Além disso, Barros (2011a) aponta que a Nova História Cultural busca estabelecer uma percepção de complexidade com relação aos aspectos culturais. O mesmo autor destaca que nesta perspectiva a cultura passa a ser percebida não apenas como dinâmica, mas também como profundamente diversificada, a partir de uma “dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas” (BARROS, 2014a, p.19). Neste contexto, os atores sociais, analisados historicamente, também possuem uma dinâmica mais flexível.

Segundo Barros (2014) a ‘Nova História Cultural’ apresenta objetos de estudos que diversificam os objetos culturais, tais como práticas, processos e padrões. Além disso, para o autor, a ‘Nova História Cultural’ busca construir suas análises historiográficas pelo viés antropológico da noção de alteridade, seja entre indivíduos, grupos sociais ou sociedades inteiras.

4.7 QUADRO SÍNTESE DAS CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS

Por meio das leituras realizadas sobre as correntes citadas anteriormente, foi possível estabelecer um quadro das vertentes historiográficas mais relevantes e seus autores mais significativos. Tais informações encontram-se no quadro abaixo (Quadro 2).

Quadro 2 – Correntes historiográficas e autores de influência

CORRENTES HISTORIOGRÁFICAS	AUTORES DE INFLUÊNCIA
Romantismo e Historicismo (Alemão)	- Giambattista Vico (1668-1744) (Nápoles) - Johann Gottfried von Herder (1744-1803) (Prússia) - Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911) (Alemanha) - Friedrich Schlegel (1772-1829) (Alemanha) - Benedetto Croce (1866-1952) (Italiano) - Ernst Troeltsch (1865-1923) (Alemanha) - Wilhelm Dilthey (1833-1911) (Alemanha) - Johann Gustav Droysen (1808-1884) (Alemanha) - Leopold von Ranke (1795-1886) (Alemanha)
Positivismo e Escola Metódica (França)	- Augusto Comte (1798-1857) (França) - Émile Durkheim (1858-1917) (França) - Gabriel Monod (1844-1912) (França) - Charles Seignobos (1854-1942) - Charles Victor Langlois (1863-1929) (França)

	- Numa Denis Fustel de Coulanges (1830-1889) (França)
Materialismo Histórico	- Karl Marx (1818-1883) (Alemanha) - Friedrich Engels (1820-1895) (Alemanha)
Escola dos Annales	- Lucien Febvre (1878-1956) (França) - Marc Bloch (1886-1944) (França) - Michel Vovelle (1933-2018) (França) - Fernand Braudel (1902-1985) (França) - Georges Duby (1919-1996) (França) - Le Roy Ladurie (1929-) (França) - Pierre Chaunu (1923-2009) (França) - Jacques Le Goff (1924-2014) (França) - Pierre Nora (1931-) (França) - Jacques Revel (1942-) (França) - Marc Ferro (1924-2021) (França) - Phillippe Ariès (1914-1984) (França) - Ernst Labrousse (1895-1988) (França)
História Social Inglesa	- Eric Hobsbawm (1917-2012) (Egito) - Edward Palmer Thompson (1924-1993) (Inglaterra) - Raymond Williams (1921-1988) (Inglaterra) - Raphael Samuel (1934-1996) (Inglaterra) - Stuart Hall (1932-2014) (Jamaica) - Natalie Davis (1928-) (Estados Unidos) - Christopher Hill (1912-2003) (Inglaterra)
Nova História Cultural	- François Furet (1927-1997) (França) - Peter Burke (1937-) (Inglaterra) - Roger Chartier (1945-) (França) - François Dosse (1950-) (França) - Michel Foucault (1926-1984) (França) - Michel de Certeau (1925-1986) (França) - Pierre Bourdieu (1930-2002) (França) - Norbert Elias (1897-1990) (Alemanha) - Robert Choate Darnton (1939-) (Estados Unidos) - Walter Benjamin (1892-1940) (Alemanha)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

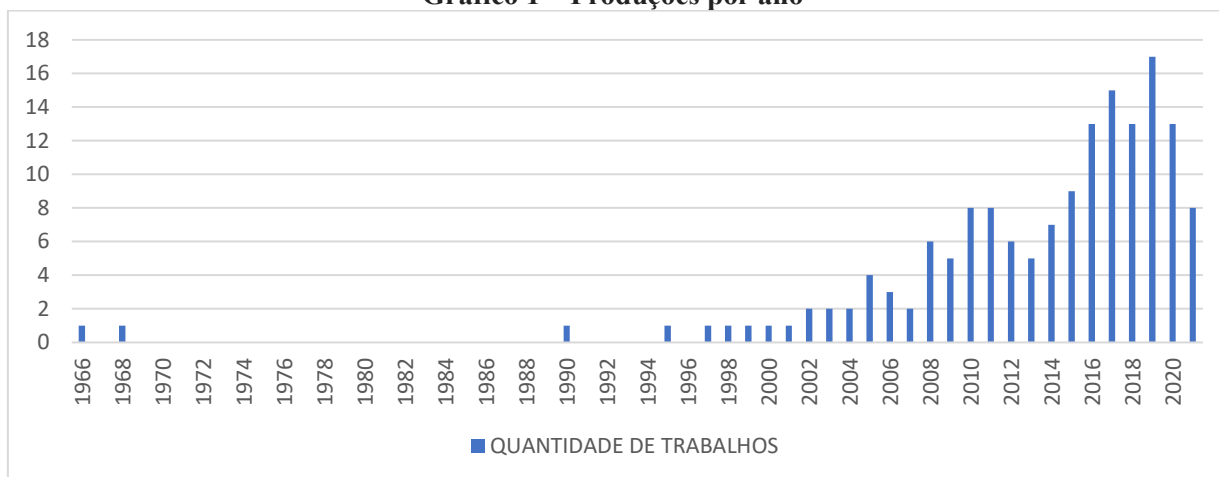
Esse quadro se tornou ponto de partida para a identificação entre História e CI, na análise realizada nos documentos coletados na WoS. Com isso, a próxima seção apresenta tal análise proveniente dos dados coletados das produções científicas especificamente da área de CI e que, de alguma forma, dialogam com os estudos históricos.

5 ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA CI NA WEB OF SCIENCE

Um das primeiras constatações no *corpus* bibliográfico selecionado é a predominância da língua inglesa nesta produção. Isso porque, dos 156 artigos recuperados, 127 estão redigidos em inglês, sendo aproximadamente 81% de todos os documentos. Das demais línguas presentes no *corpus*, 17 artigos estão em português, compondo 11%, e 12 foram escritos em espanhol, perfazendo 8% do universo.

Já com relação ao ano de publicação destes artigos, distribuíram em 29 anos, sendo que o mais antigo é do ano 1966 e o mais recente de 2021. Ininterruptamente, há produções nos últimos 24 anos, sendo que de 1997 até 2021 as publicações são regulares. Por fim, aproximadamente metade de todos os trabalhos recuperados, se encontram entre 2016 e 2021, como se descreve no gráfico abaixo (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Produções por ano



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Dos 56 anos entre a primeira e última publicação, é importante notar que há um intervalo de 27 anos sem publicações. Porém, nos últimos 10 anos houve um crescimento da produção, o que demonstra o interesse pelas temáticas relacionadas à história da área. Os anos com maior produção, em ordem decrescente, são: 2019 com 17 publicações; 2017 com 15; 2020 e 2016 com 13 trabalhos cada.

Sobre a autoria dos artigos analisados, foram identificados, individualmente, 340 autores. Do universo analisado, 74 artigos possuíam um único autor, perfazendo um total de 47,4% dos artigos e 82 documentos possuem mais de uma autoria, o que perfaz 52,6% restantes. Assim, pode-se afirmar que em se tratando de artigos advindos de pesquisa histórica na CI, a maioria é publicada por meio de parcerias.

Quanto à formação dos autores, foi possível identificar o perfil acadêmico de cada um deles, conforme dados do Quadro 3.

Quadro 3 – Área de atuação dos autores

Grupo	Temáticas	Quantidade
A	Ciência da informação	164
B	Ciências da saúde	77
C	Engenharia e desenvolvimentos tecnológicos	38
D	Ciências Humanas	36
E	Administração/economia/gestão	19
F	Educação	3
G	Ciências naturais	2

H	Cinema	1
Total		340

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Sobre os dados do quadro acima, é interessante destacar que a grande maioria dos autores possuem fortes ligações com a área “A - Ciência da informação”, seja por proximidades de pesquisa e trabalho, seja por formação. Neste conjunto, identificam-se profissionais que se declaram como profissionais da Ciência da Informação, da Biblioteconomia, da Arquivologia, da Museologia e da Documentação.

O segundo maior conjunto com autores é a área “B - Ciências da saúde”. Entretanto, é importante destacar, que boa parte destes pesquisadores possuem expertises relacionadas à computação, à gestão informacional, ao tratamento e à recuperação da informação. O terceiro grupo com mais autores, é o conjunto “C - Engenharia e desenvolvimentos tecnológicos”. Já em quarto lugar, temos o grupo “D - Ciências Humanas”, que abrangem a História, a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia etc. O último grupo que possui uma quantidade considerável de autores é o do conjunto, “E - Administração/economia/gestão”. Seus autores possuem vínculos com questões informacionais ligadas ao empreendedorismo e à gestão de empresas.

Quanto à recorrência de autores na produção, verificou-se que apenas 15 autores produziram dois artigos ou mais. Destes, o Quadro 4 destaca o nome, a área de atuação e a quantidade de trabalhos publicados.

Quadro 4 – Autores que mais produziram

Autor	Área de Atuação	Artigos
Warner V. Slack	B- Ciências da saúde	3
Hollis B. Kowaloff	B- Ciências da saúde	3
Howard L. Bleich	B- Ciências da saúde	2
Elizabeth S. Chen	B- Ciências da saúde	2
Roberto Cornacchia	C - Engenharia e desenvolvimentos tecnológicos	2
Roger B. Davis	B- Ciências da saúde	2
Tom Delbanco	B- Ciências da saúde	2
Kimberly A. Kaphingst	B- Ciências da saúde	2
Steven E. Locke	B- Ciências da saúde	2
Genevieve B. Melton	B- Ciências da saúde	2
Jeffrey S. Reznick	D - Ciências Humanas	2
Charles Safran	B- Ciências da saúde	2
India Neil Sarkar	B- Ciências da saúde	2
Alesia A. Zuccala	A - Ciência da informação	2
Agustín Vivas Moreno	A - Ciência da informação	2

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Dos autores com mais de um trabalho publicado, é interessante notar que a maioria atua na área “B – Ciências da saúde”, e em geral, o trabalho destes autores é fortemente vinculado a

computação e gestão informacional na saúde. Uma constatação interessante sobre os autores presentes no quadro acima, é que todos estes pesquisadores foram recuperados por obras coletivas. Isto significa que muitos dos indivíduos que se encontram nesta lista, fizeram parceria uns com os outros.

Mesmo que o ‘Quadro 2’ apresente em sua grande maioria, autores vinculados com a área “B - Ciência da saúde”, deve-se ressaltar o maior conjunto de pesquisadores se encontra no grupo “A - Ciência da informação”. Deste modo, nota-se que, na área de CI, não existem autores expoentes em questões históricas. Na maioria, os autores publicam menos de um artigo cada, porém, vários são os autores individuais que se envolveram nestas pesquisas.

Outro ponto interessante com relação aos autores dos artigos recuperados na WoS, está relacionado ao fato de que foram identificados poucos pesquisadores brasileiros nos resultados da busca. Estes dados ficam se reforça também no tocante aos autores que publicaram mais de um artigo. Considerando a quantidade de trabalhos recuperados em língua espanhola e portuguesa, a inexpressividade de autores nacionais faz pensar sobre o impacto que esta ausência gera na CI brasileira.

Quanto aos periódicos científicos que mais publicaram trabalhos identificam-se os seguintes: *Journal of the American Medical Informatics Association*, com 12; *Scientometrics* com 11; *Journal of the Medical Library Association*, com 10; *Library Trends*, com oito; *Perspectivas em Ciência da Informação*, com seis; *College & Research Libraries*, com cinco; *Investigación Bibliotecologica*, com cinco. Vale destacar que a soma das publicações destes sete periódicos perfaz 37% do universo da pesquisa.

Para as análises de caráter qualitativo, foram utilizados os resumos, as palavras-chave e o referencial bibliográfico. Neste aspecto, é necessário salientar que seis trabalhos não continham referencial bibliográfico, 10 documentos não possuíam resumos e 63 não possuíam palavras-chave. Sobre a última, vale destacar que a WoS possui duas categorias distintas de descritores. Uma definida pelos autores e outra pela própria base no processo de indexação, denominada *Keywords Plus*. Para as análises, optou-se por utilizar artigos que obedeciam à primeira categoria, por entender que a forma como os autores identificam seu trabalho esteja mais próximo do que realizaram em suas pesquisas. Assim, foram selecionadas as palavras-chave de 93 artigos que, juntos, somaram 500 termos. Destes, apresentam-se no quadro abaixo (Quadro 5) aqueles que apareceram em mais de um trabalho.

Quadro 5 – Palavras-chaves mais utilizadas

Termo	Quantidade
History	11
Digital Humanities	4

Bibliometrics	3
Citation analysis	3
Eletronic helth records	3
Information	3
Local history	3
Oral history	3
Public library	3
Altmetrics	2
Archives	2
Cataloging	2
Cinema	2
Collections	2
Communication	2
Communities	2
Data curation	2
Databases	2
Democracy	2
Historiography	2
History of Book	2
History teaching	2
Librarianship	2
Libraries	2
Medical history talking	2
Memory	2
Methodology	2
Peer review	2
Ranking	2
Social Networks	2
Society	2
Special collections	2
Tecnology	2

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Sobre os dados específicos do Quadro 5, já de início pode-se verificar que o termo mais utilizado foi *History*, com 11 ocorrências. Esta constatação já era esperada, principalmente pelo fato de que a busca inicial na WoS foi, justamente, por este termo. E esse procedimento recuperou artigos que, de algum modo, se relacionasse à história como ponto de partida. O outro termo de destaque foi *Digital Humanities*, citado em quatro artigos: Lahti et al. (2019); Davis et al. (2017); Kong et at. (2017); Hoffmann, Bisset-Alvarez e Marti-Lahera (2020). Sendo que no escopo dos trabalhos analisados, este termo está associado a pesquisas voltadas à formação e educação de usuários de informação e unidades informacionais, em especial dentro do contexto de disciplinas humanísticas.

Das demais palavras-chaves com duas ou três ocorrências, é relevante destacar os cinco termos compostos com a palavra *history*, pois indicam campos de pesquisa específicos das

discussões históricas na área de Ciência da Informação na WoS. São eles: *Oral history*; *Local history*; *History of book*; *History teaching*; *Medical history taking*. Os dois primeiros termos com três citações cada e os demais com duas cada.

Sobre a *Oral history*, verificam-se os seguintes trabalhos: Walker e Halvey (2017) que apresentam técnicas e ferramentas para melhorar a qualidade de um sistema de história oral; Craft (2018) que entende a história oral como uma ferramenta para a construção da memória de uma comunidade, dentro de um projeto chamado “Wolf Tales”; Ahmed (2018) que apresenta o conceito de história oral como uma ferramenta de memória, mas neste caso no contexto específico de comunidades do Catar.

Já os trabalhos que utilizaram o termo “Local history” foram: Hood e Reid (2018), que relacionam o conceito de história local com o de memória cultural, por meio de um estudo de caso de usuários de redes sociais; Chaves Salgado (2017) que discute a função social da biblioteca no respeito à história local de uma comunidade; e Rubiano Montaña, Vivas Moreno e Nuño Moral (2019) que apresentam a história local como um instrumento importante para a formação do que eles denominam como sendo um *Photographic Documentary Information System*.

Sobre o termo *History of Books*, os dois artigos recuperados apresentam reflexões sobre a história da leitura do livro. São os trabalhos Giurgevich (2019) e Dias (2019), publicados em língua portuguesa. Já com o termo *History teaching*, foram publicados os artigos de Zerega-Garaycoa (2015) e Corrêa e Gonçalves (2021). O primeiro apresenta um projeto de ensino que utilizou um *role play game* (RPG), no *Twitter*, para ensinar em sala de aula conteúdos de história. O segundo analisa blogs e sites administrados por professores de história, que podem ser usados como fontes informacionais para o ensino de história em sala de aula.

Por fim, *Medical history taking* é utilizado como palavra-chave no trabalhos de Bajracharya et al. (2019) e Chen et al. (2015). Aquele analisando o uso da história da saúde familiar por prontuários eletrônicos na identificação de riscos de doença para identificar e avaliar risco de doença. Este apresentando o conceito *Medical history taking* no contexto de análises de fontes múltiplas para identificar e padronizar informações sobre história da saúde da família.

Além dos termos analisados acima, outra palavra-chave pertinente para o escopo deste artigo é *Historiography* que foi citado em dois artigos: Kolasa (2012) que apresenta análises bibliométricas em bases que possuam trabalhos científicos de história; e Garfield (2009) que escreve sobre a história da cientometria.

Para a categorização dos artigos em subáreas, foi realizada a leitura dos resumos dos trabalhos e, a partir desta técnica, foi possível identificar cinco categorias temáticas relacionadas à história/História. Dessa forma, os artigos foram agrupados nas seguintes categorias: GRUPO A – Historiografia e conceitos históricos; GRUPO B – História factual (instituições, pessoas, objetos); GRUPO C – História, Memória e Arquivo; GRUPO D – História da Ciência da Informação; GRUPO E – História e Informações da área médica.

O resultado quantitativo dessa análise é apresentado no Quadro 6, onde se verifica que a categoria com maior incidência é a pertencente ao Grupo B, seguida, em ordem decrescente, pelos Grupos D, A, E e C.

Quadro 6 – Categorias de trabalhos

Categoria	Quantidade
GRUPO A	23
GRUPO B	56
GRUPO C	9
GRUPO D	49
GRUPO E	19
Total	156

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O “GRUPO B – História factual (instituições, pessoas, objetos)” agrega o maior número de artigos, com 56 documentos, e os trabalhos se referem à narrativa factual sobre instituições, pessoas ou objetos relacionados à Ciência da Informação. Em geral os artigos deste grupo, apresentam uma história linear e factual, em suas narrativas históricas.

Neste conjunto de trabalhos, foi possível identificar dois subgrupos temáticos: a) Personalidades e instituições; b) Objetos, conceitos e temas relacionados à CI

Nos trabalhos do subconjunto “a” destacam-se: Ishmael (2018), que versa sobre a vida e obra de Arthur Schomburg, um historiador e ativista negro; Canete e Ferreyra (2010), que relata as funções e a história da *Red Historia y Patrimonio Cultural de la Salud* na Argentina; Kapronczay, Magyar e Putnam (2011) que descreve a história da *Library of the Royal Society of Physicians* de Budapeste; e Roff (2014), que apresenta o processo de criação e desenvolvimento da biblioteca em Nova York para mulheres trabalhadoras.

Já com relação aos artigos do subconjunto “b” estão: Ike et al. (2020), sobre a percepção e o uso das máscaras no decorrer da história; Stimson e Nobunaga (1995), sobre a história do catálogo de Hickcox e seu impacto; Vanz (2021), alusivo ao aniversário de 35 anos do periódico científico brasileiro *Em Questão*; Mering e Hoeve (2020) que narra a história do acesso aberto; Boyd (2011) que narra, por meio de buscas em acervos documentais, pontos importante para a história da medicina veterinária; Ortega (2009) que descreve a história e consolidação da Documentação no Brasil e Vanz (2021) sobre periódicos e editoras.

A segunda categoria com maior número de artigos é a do “GRUPO D – História da Ciência da Informação”, com 49 trabalhos. Em geral, este conjunto apresenta análises que tratam a área de História e afins como um espaço de atuação para a CI e os Cientistas da informação, visando o tratamento, a recuperação, a preservação e a disseminação das informações.

Deste grupo, destacam-se os artigos que apresentam aspectos históricos do tratamento informacional como, por exemplo: indexação (FERNÁNDEZ IZQUIERDO et al. 2010); classificação (MEDEIROS et al. 2016); Estudos métricos (ZUCCALA et al. 2015); disseminação informacional e estudos de usuários (NEMETH, 2010); recuperação da informação (COLE, 2003); avaliação de fontes de informação (LEWISON, 2001); preservação documental (SCHAFFNER; BAIRD, 1999).

Já como terceiro maior conjunto de trabalhos, o “GRUPO A – Historiografia e conceitos históricos” possui 23 artigos, sendo todos relacionados a trabalhos que versam sobre temáticas historiográficas e conceituais da área de História. Os temas de maior destaque são: a história das mulheres (SACHS, 2008); o ensino de história (ZEREGA-GARAYCOA, 2015); a história oral (CRAFT, 2018); a história local (HOOD; REID, 2018).

O “GRUPO E – História e Informações da área médica”, com 19 artigos, diferente dos conjuntos anteriores, apresenta trabalhos com o conceito *History* relacionados especificamente a questões da área de Ciências Médicas. Neste grupo, as temáticas mais recorrentes são: a história de vida de pacientes, como o trabalho de Harris e Rhodes (2018); o histórico médico do paciente como o artigo de Lesselroth et al. (2009); e a história da saúde familiar como o trabalho de Bajracharya *et al.* (2019).

Por fim, o “GRUPO C – História, Memória e Arquivo”, com nove artigos que apresentam o conceito *History* relacionado à memória e às instituições de memória, que, em geral, se referem aos arquivos. A criação deste grupo se deve porque, estes nove trabalhos analisados, diferente do GRUPO B, não analisam as instituições de memória apenas por meio de uma narrativa factual. Além disso, diferente do GRUPO D, os trabalhos também não se limitam a atividades pontuais de uma determinada unidade informacional. E, por fim, o conceito de memória nestes trabalhos se refere às instituições informacionais e não às reflexões teórico-metodológicas do uso da memória na área de história, como é o caso das pesquisas pertencentes aos artigos do GRUPO A. As temáticas de maior destaque nas publicações do GRUPO C são: patrimônio documental e estrutura de uma unidade de informacional de memória (LEMIEZ; ENDERE, 2020); e projetos de memória (TURNBULL, 2016).

Para a identificação das correntes historiográficas que mais influenciam as pesquisas voltadas à história na área de CI da WoS, serviram como parâmetros 152 documentos. Isso porque, quatro dos documentos que compõem o *corpus* não apresentaram referências bibliográficas. Desde universo, foram extraídas 5.248 referências, uma média de, aproximadamente, 35 referências por artigo. Já com relação ao número mínimo e máximo de referências em um artigo, identificou-se 1 e 116, respectivamente.

Para as análises foram selecionados apenas autoridades pessoais e cada autor foi contabilizado uma vez por artigo em que foi referenciado. Dessa forma, o Quadro 7 descreve os dados de autores que apareceram, no mínimo, em três trabalhos.

Quadro 7 - Autores mais referenciados

Autores	Artigos referenciados
Garfield, E.	6
Price, D. J. de S.	4
Latour, B.	4
Bornmann, L.	4
Otlet, P.	4
Portelli, A.	4
Buckland, M. K.	4
Cutter, C. A.	4
Boyd, D.	3
Foucault, M.	3
Hammarfelt, B.	3
Moed, H. F.	3
Newman, M. E. J.	3
Castells, M.	3
Lubetzky, S.	3
Cook, T.	3
Hjørland, B.	3
Ranganathan, S. R.	3
Rayward, W. B.	3
Bachman, J. W.	3
Edmondson, R.	3
Flinn, A.	3
Hirsch, J. E.	3
Nora, P.	3
Rousseau, R.	3
Thompson, J. B.	3
Tillett, B. B.	3
Weller, T.	3

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A primeira colocação ficou para Eugene Garfield que foi utilizado em seis trabalhos. Já o segundo lugar, ficou para sete autores distintos, sendo que todos eles apareceram em quatro

artigos. Por fim, a terceira colocação foi distribuída para vinte autores, em que cada um deles apareceram em três artigos.

Ainda sobre os dados do Quadro 7, é possível identificar a presença de autores importantes para a área da CI como: Shiyali Ramamrita Ranganathan; Eugene Garfield; Michael K. Buckland; Paul Otlet; Biger Hjørland; Derek J. De Solla Price etc. Além disso, também se encontram neste quadro, alguns nomes de relevância para a área de História: Michel Foucault, Manuel Castells, Pierre Nora e Terry Cook.

Tendo em vista os dados descritos no Quadro 7, fez-se também a análise das obras mais referenciadas, o que consta no Quadro 8.

Quadro 8 – Obras mais citadas

Título	Autoria	Ocorrências
Reconsidering the family history in primary care	Rich, E. C. et al.	4
The family history - More important than ever	Gutmacher, A. E.; Collins, F. S.; Carmona, R. H.	4
A computer-based medical-history system	Slack, W. V. et al.	3
Awareness of family health history as a risk factor for disease United States, 2004	Yoon, P. W. et al.	3
Citation Analysis in Research Evaluation, Springer, Dordrecht, The Netherlands	Moed, H. F.	3
Factors affecting frequency of communication about family health history with family members and doctors in a medically underserved population	Kaphingst, K. A et al.	3
Family history in public health practice: ...	Valdez, R. et al.	3
Identification and extraction of family history information from clinical reports	Goryachev, S.; Kim, H.; Zeng-Treitler, Q.	3
Lives in context: The art of life history research	Cole, A. L.; Knowles, J. G.	3
The patient-computer interview: ...	Bachman, J. W.	3
Using a natural language processing system to extract and code family history data from admission reports	Friedlin, J.; McDonald, C. J.	3

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As obras mais citadas foram “*Reconsidering the family history in primary care*” e “*The family history - More important than ever*” cada um dos dois com quatro referências. E os outros nove trabalhos compartilharam a segunda colocação, cada um com três ocorrências.

Para identificação das correntes historiográficas presentes na produção científica da CI, pesquisou-se, entre as referências dos artigos recuperados na WoS, cada um dos autores elencados no “Quadro 2 – Correntes historiográficas”. Nesse sentido, foi constatado o seguinte:

Quadro 9 – Autores e correntes historiográficas influentes na CI

Autor	Ocorrências	Corrente historiográfica
Durkheim, E.	1	Positivismo e Escola Metódica (França)
Febvre, L.	1	Escola dos Annales
Braudel, F.	1	Escola dos Annales
Nora, P.	3	Escola dos Annales
Thompson, E. P.	1	História Social Inglesa

Burke, P.	2	Nova História Cultural
Williams, R.	1	História Social Inglesa
Hall, S.	1	História Social Inglesa
Foucault, M.	3	Nova História Cultural
Bourdieu, P.	3	Nova História Cultural
Darnton, R.	1	Nova História Cultural

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os autores comuns às áreas de História e CI são Pierre Nora, Michael Foucault e Pierre Bourdieu, cada um referenciado em três trabalhos. Também se verifica duas ocorrências de Peter Burke, e uma ocorrência de Robert Darnton, Stuart Hall, Raymond Williams, Fernand Braudel, Lucien Febvre, E. P. Thompson e Émile Durkheim.

Já sobre as correntes historiográficas mais influentes, em ordem decrescente são: “Nova História cultural” (Michael Foucault, Pierre Bourdieu, Robert Darnton e Peter Burke), autores citados em nove artigos; “Escola dos Annales” (Pierre Nora, Fernand Braudel e Lucien Febvre), cujos autores foram citados em cinco trabalhos; “História social Inglesa” (E. P. Thompson, Raymond Williams e Stuart Hall) com autores citados em três trabalhos; e o “Positivismo ou Escola Metódica” (Émile Durkheim) com autor citado em um artigo.

Além destas informações, foi possível identificar com os dados coletados, quais foram as obras referenciadas destes autores, como podemos visualizar no Quadro 10.

Quadro 10 – Obras mais influentes na CI

Autor	Obra	Ocorrências
Durkheim, E.	The division of labor in society	1
Febvre, L.; Martin H.-J.	The coming of the book: The impact of printing, 1450–1800	1
Braudel, F.	The Perspective of the World	1
Nora, P.	Entre memória e história: a problemática dos lugares	3
Thompson, E. P.	The making of the English working class	1
Burke, P.	Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot	1
Burke, P.	A República das Letras Europeia, 1500-2000	1
Burke, P.	Formas de Hacer la Historia	1
Hall, S.	Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad	1
Foucault, M.	Le jeu de Michel Foucault	1
Foucault, M.	The subject and power	1
Foucault, M.	Microfísica do poder	1
Foucault, M.	A História da sexualidade I: a vontade de saber	1
Foucault, M.	As palavras e as coisas	1
Foucault, M.	A Arqueologia do saber	1
Foucault, M.	A ordem do discurso	1
Bourdieu, P.	Distinction	1
Bourdieu, P.	La distinction: critique sociale du jugement	1
Bourdieu, P.; Passeron, J-C.	A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino	1
Darnton, R.	Historia de la lectura	1
Williams, R.	The Long Revolution	1

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O autor Michael Foucault teve sete de suas obras referenciadas, sendo, portanto, o autor de maior influência no tocante à perspectiva histórica. Em seguida, foi Peter Burke o autor que teve mais obras referenciadas, três ao todo. Por fim, duas obras de Pierre Bourdieu aparecem como referências no *corpus* analisado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração os resultados e as análises realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível identificar algumas questões sobre a relação de interdisciplinaridade entre a área de História e da Ciência da Informação.

Por meio do objetivo específico “a) Descrever, sumariamente, as correntes historiográficas identificadas na subárea de Teoria da História” foi realizada a técnica da revisão narrativa de literatura, foi possível sistematizar as principais correntes historiográficas e seus autores. Neste aspecto, o principal resultado foi a identificação das características do Romantismo e Historicismo (Alemão), do Positivismo e Escola Metódica (França), do Materialismo Histórico, da Escola dos Annales, da História Social Inglesa e da Nova História Cultural. Além disso, com a pesquisa, foi possível criar um quadro sistemático que delimita cada corrente e os autores mais significativos de cada uma delas.

Com relação ao objetivo específico “b) Caracterizar os aspectos quantitativos e qualitativos das produções recuperadas na WoS” foram alcançados resultados em âmbito geral e específico. No âmbito geral, foram identificados os autores que mais produziram, bem como seus perfis acadêmicos, os anos com maior produção e os periódicos com maior produção. Especificamente, a partir do levantamento das palavras-chave, os resultados mostram que as temáticas históricas da produção são: *Oral history; Local history; History of book; History teaching; Medical history taking*.

Já sobre o objetivo “c) Categorizar em subáreas as produções recuperadas na WoS, tendo por base as temáticas destas produções científicas” foi possível, por meio de leituras e análises dos resumos, categorizar em grupos temáticos os 156 trabalhos. Neste aspecto, o resultado é a identificação de cinco categorias: “Grupo A – Historiografia e conceitos históricos”; “GRUPO B – História factual (instituições, pessoas, objetos)”; “Grupo C – História, Memória e Arquivo”; “Grupo d – História da Ciência da Informação” e “Grupo E – História e Informações da área médica”.

Com o objetivo “d) Identificar as correntes historiográficas e os autores de História mais utilizados na produção recuperada na WoS” foi possível realizar uma análise detalhada do

referencial teórico dos artigos. O resultado, neste caso, foi a constatação de os autores em comum para as áreas de História e CI são Michel Foucault, Manuel Castells, Pierre Nora e Terry Cook. Já a corrente historiográfica mais influente é a Nova História cultural, seguida pela Escola dos Annales, História social Inglesa e Positivismo ou Escola Metódica. Quanto às obras referenciais mais utilizadas, o primeiro lugar ficou para Michael Foucault que teve sete de suas obras citadas, seguido de Peter Burke com três obras utilizadas pelos autores de CI.

Assim, somados os resultados de cada objetivo específico, pode-se dizer que o objetivo geral foi alcançado, uma vez que se percebe interconexões temáticas e diálogos fundamentais com autores de influência para as duas áreas. Constata-se, portanto, que as intersecções entre História e CI se dão tanto na atenção aos fatos e personagens históricos, quanto na forma de abordagem destes objetos. A influência das correntes historiográficas atuais, Nova História Cultural e Escola dos Annales, confere um caráter crítico, político, cultural e social às abordagens historiográficas presentes na CI.

Em que pese os robustos resultados dos dados analisados, há que se considerar ainda algumas reflexões que permearam os pesquisadores ao longo da investigação. Percebeu-se, por exemplo, a pouca expressividade de trabalhos recuperados na WoS que possuem relações diretas com temáticas ligadas a teoria da História ou à Historiografia. Além disso, muitos dos artigos recuperados, abordam a história sem ponderar aspectos conceituais do ofício, como a indicação minuciosa das fontes e das perspectivas de análise. Também chamou a atenção o considerável número de artigos que relacionam medicina e informação a partir da história: histórico médico; história da saúde familiar; histórico de saúde etc.

Outro fator percebido, durante o processo de pesquisa, está atrelado a questão de que boa parte dos autores mais citados, não são historiadores de formação, alguns nem mesmo são da área de Ciência da informação. E estas informações ficam ainda mais interessantes, quando se identifica que as obras mais referenciadas também não são obras de relevância para a área de História ou para a historiográfica no geral.

Sendo assim, o exercício de identificar as influências historiográficas mais importantes ou até mesmo os historiadores mais influentes nestes trabalhos acabou se mostrando muito difícil de ser executada. Mesmo assim, durante o processo de pesquisa, coleta, tratamento e análise dos dados recuperados e do desenvolvimento deste artigo, foi possível desenvolver estratégias coerentes com os objetos, como os instrumentos de identificação dos autores mais importantes e das correntes historiográficas mais relevantes. A criação destes instrumentos, por mais limitados e frágeis que sejam, permitem avançar para mecanismos mais eficientes no processo de identificação das influências da área de História na CI e vice-versa, completando o

ciclo de análise interdisciplinar. Deste modo, pretende-se continuar as pesquisas, possibilitando futuras reflexões sobre a interdisciplinaridade entre a História e a CI.

REFERÊNCIAS

- AHMED, S. Seeking Information from the Lips of People: oral history in the archives of Qatar and the Gulf region. **Archival Science**, [s. l.], v. 18, p. 225–240, 2018. Disponível em: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10502-018-9293-8>. Acesso em: 10 set. 2021.
- ALVES, C. A. L.; CABRAL, M. C. B. R.; OLIVEIRA, L. S. de. Diálogos entre arquivologia, ciência da informação e história: uma conversa possível. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. Especial, 2016. Disponível em: http://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v4_nesp/racin_v4_nesp_artigo_0035-0050.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.
- ARAÚJO, C. A. V. O que é ciência da informação?. **Informação & Informação**, v. 19, n. 1, p. 1-30, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33968>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- BAJRACHARVA, A. S. et al. Patient experience with family history tool: analysis of patients' experience sharing their family health history through patient-computer dialogue in a patient portal. **Journal of the American Medical Informatics Association**, Oxford, v. 26, n. 7, p. 603-609, jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jamia/ocz008>. Acesso em: 11 set. 2021.
- BARROS, J. D'A. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, 2011a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2011v12n16p38/2958>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- BARROS, J. D'A. Existe uma nova história cultural? – análise de um campo histórico. **Revista Poder & Cultura**, Rio de Janeiro, a.1, v. 2, p. 11-44, out. 2014a. Disponível em: <http://poderecultura.blogspot.com/p/numeros-anteriores.html>. Acesso em: 30 jan. 2022
- BARROS, J. D'A. “Teorias da História” e “Filosofias da História”: Considerações sobre o contraste entre dois espaços de reflexão sobre o fazer histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 367-400, dez. 2012a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/15756/25784>. Acesso em: 27 jan. 2021
- BARROS, J. D'A. **Teoria da história II: Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.
- BARROS, J. D'A. **Teoria da história III: Os paradigmas revolucionários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

BARROS, J. D'A. **Teoria da história V: A escola dos Annales e a Nova História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

BOYD, C. T. The lost history of American veterinary medicine: the need for preservation. **Journal of the medical library association**. [s. l.], v. 99, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <https://www-ncbi-nlm-nih.ez46.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC3016659/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CAÑETE, M.-G.; FERREYRA, G.-L. Red Historia y Patrimonio Cultural de la Salud, Argentina. **Profesional De La Información**, Madrid, v. 19, n. 5, p. 519-522, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2010.sep.12>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CHAVES SALGADO, L. La sección de temas locales de la Biblioteca Pública Municipal de Simat de la Vall d'igna: un testimonio de la historia pasada y presente. **E-Ciencias De La Información**, San José, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15517/eci.v8i1.29926>. Acesso em: 28 dez. 2021

CHEN, E. S. et al. Multi-source development of an integrated model for family health history. **Journal of the American Medical Informatics Association**, Oxford, v. 22, n. 1, p. 67-80, abr. 2015. Disponível em: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1136/amiajnl-2014-003092>. Acesso em: 22 dez. 2021.

COLE, C. et al. Structure of domain novice users' queries to a history database. **ASIS&T**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 271-279, out. 2003. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/meet.1450400134>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CORRÊA, S. S.; GONÇALVES, R. B. Competência em Informação e Mídia no Ensino de História: observações acerca de indicações de obras cinematográficas em meios virtuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, abr./jun. 2021 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/105056>. Acesso em: 28 dez. 2021.

CRAFT, A. R. Creating connections, building community: The role of oral history collections in documenting and sharing campus diversity. **Serials Review**, [s. l.], v. 44, n. 3, p. 232-237, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00987913.2018.1513750>. Acesso em: 29 dez. 2021.

DAVIS, A. M. et al. Faculty–library collaborations in digital history: A case study of the travel journal of Cornelius B. Gold. **College & Undergraduate Libraries**, Filadélfia, v. 24, n. 2-4, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10691316.2017.1325347>. Acesso em: 28 dez. 2021.

DIAS, D. La larga “República de las Letras” y el siglo de los intelectuales: notas para la historia de las bibliotecas en Occidente. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, [s. l.], v. 33, n. 81, p. 157-178, out. 2019. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58065>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FERNÁNDEZ IZQUIERDO, F. et al. Problemas planteados en la creación de índices de citas en el área de Humanidades: la base de datos ModernitasCitas y las publicaciones de Historia

Moderna. **Revista Española De Documentación Científica**, v. 33, n. 3, p. 496-505, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/redc.2010.3.729>. Acesso em: 2 jan. 2022.

GARFIELD, E. From the science of science to Scientometrics visualizing the history of science with HistCite software. **Journal of Informetrics**, [s. l.], v. 3, n. 3, jul. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.joi.2009.03.009>. Acesso em: 12 jan. 2022.

GIURGEVICH, L. Uma tradição de papel. Novas achegas para a história das bibliotecas eclesiásticas em Portugal. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 5, 2019. Edição Especial. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/issue/view/3810>. Acesso em: 9 jan. 2022.

HARRIS M.; RHODES T. "It's Not Much of a Life": The Benefits and Ethics of Using Life History Methods With People Who Inject Drugs in Qualitative Harm Reduction Research. **Qualitative Health Research**, [s. l.], v. 28, n. 7, p. 1123-1134, jun. 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049732318764393>. Acesso em: 10 jan. 2022.

HOFFMANN, Y. T.; BISSET ALVAREZ, E.; MARTÍ-LAHERA, Y. Análisis textual con IRaMuTeQ de investigaciones recientes en historia de la educación matemática en Brasil: un ejemplo de Humanidades Digitales. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, Ciudad de México, v. 34, n. 84, p. 103-133, jul. 2020. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/58097>. Acesso em: 11 fev. 2022

HOOD, C.; REID, P. Social media as a vehicle for user engagement with local history: A case study in the North East of Scotland. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 74, n. 4, 8 maio 2018. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-12-2017-0167/full/html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

IKE, J. D. et al. Face Masks: Their History and the Values They Communicate. **Journal of Health Communication**, [s. l.], v. 25, n. 12, 2020. Disponível em: <https://www-tandfonline.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/citedby/10.1080/10810730.2020.1867257?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 13 jan. 2022.

ISHMAEL, H. J. M. Reclaiming history: Arthur Schomburg. **Archives and Manuscripts**, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 269-288, 2018. Disponível em: <https://www-tandfonline.ez46.periodicos.capes.gov.br/doi/full/10.1080/01576895.2018.1559741>. Acesso em: 8 jan. 2022.

KAPRONCZAY, K.; MAGYAR, L. A.; PUTNAM, C. E. The Library of the Royal Society of Physicians in Budapest becomes today's Semmelweis Medical History Library. **Journal of the Medical Library Association**, [s. l.], v. 99, n. 1, jan. 2011. Disponível em: <https://www-ncbi-nlm-nih.ez46.periodicos.capes.gov.br/pmc/articles/PMC3016667/>. Acesso em: 3 jan. 2022

KOLASA, W. M. Specific character of citations in historiography (using the example of Polish history). **Scientometrics**, [s. l.], v. 90, p. 905-923, 2012. Disponível em: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s11192-011-0553-0>. Acesso em: 6 jan. 2022

KONG, N. N. et at. Spatial information literacy for digital humanities: The case study of leveraging geospatial information for African American history education. **College &**

Undergraduate Libraries, Filadélfia, v. 24, n. 2-4, p. 376-392, 10 fev. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10691316.2017.1329044>. Acesso em: 28 dez. 2021.

LAHTI, L. et al. Bibliographic Data Science and the History of the Book (c. 1500–1800). *Cataloging & Classification Quarterly*, [s. l.], v. 56, n. 1, p. 5-23, 2019. Disponível em: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1080/01639374.2018.1543747>. Acesso em: 15 jan. 2022.

LARA, S. H. História cultural e história social. **Diálogos**, Maringá, v. 1, p. 25-32, 1997. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/issue/view/1283>. Acesso em: 27 dez. 2021

LEMIEZ, G.; ENDERE, M. L. Patrimonio documental, memorias e historia obrera. La reconstrucción del caso de Villa Carlos von Bernard, partido de Olavarría, Buenos Aires, Argentina. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 30, n. 2, p. 507-526, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/rgid.72820> Acesso em: 4 jan. 2022.

LESSELROTH, B. J. et al. Design and Implementation of a Medication Reconciliation Kiosk: the Automated Patient History Intake Device (APHID). **Journal of the American Medical Informatics Association**, Oxford, v. 16, n. 3, p. 300-304, 1 maio 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1197/jamia.M2642>. Acesso em: 6 jan. 2022.

LEWISON, G. Evaluation of books as research outputs in history of medicine. **Research Evaluation**, Oxford, v. 10, n. 2, p. 89-95, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.3152/147154401781777051>. Acesso em: 10 jan. 2022.

MARTINS, R. A. **Ciência versus historiografia**: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. Grupo de História e Teoria da Ciência, São Paulo: DRCC-IFGW, Unicamp, 2004.

MEDEIROS, H. V. et al. Sobre la elaboración de una taxonomía de Historia medieval portuguesa: problemas y desafíos. **Revista española de Documentación Científica**, [s. l.], v. 39, n. 1, mar. 2016. Disponível em: <https://redc.revistas.csic.es/index.php/redc/article/view/926/1346>. Acesso em: 7 jan. 2022.

MEIRA, J. C. Crise Social e as Encruzilhadas da História: A Fragmentação Epistemológica e o Surgimento da História Social Inglesa (1960-1990). **Revista Expedições**, Morrinhos/GO, v. 9, n. 1, jan./abr. 2018. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7395. Acesso em: 30 ago. 2021

MENEZES, E. M. **Pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

MERING, M.; HOEVE, C. D. A Brief History to the Future of Open Access. **Serials Review**, [s. l.], v. 46, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00987913.2020.1850041>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MURGUIA, E. I. Percepções e aproximações do documento na historiografia, documentação e ciência da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2 n. 2, n. 2, p. 42-53, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42350>. Acesso em: 22 jan. 2022.

NEMETH, E. Complementary Value of Databases for Discovery of Scholarly Literature: A User Survey of Online Searching for Publications in Art History. **College & Research Libraries**, Chicago, v. 71, n. 3, 2010. Disponível em: <https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/16079>. Acesso em: 7 jan. 2022

OLIVEIRA, M. Origens e evolução da Ciência da Informação. *In: Ciência da Informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 9-27.

ORTEGA, C. D. Surgimento e consolidação da Documentação: subsídios para compreensão da história da Ciência da Informação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação [online]**, Belo Horizonte, v. 14, p. 59-79, 2009. Edição especial. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362009000400005>. Acesso em: 05 Jan 2022.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/609/611>. Acesso em: 24 ago. 2021.

PINTO JÚNIOR, E. G. Escola metódica: nuances e reconsiderações. *In: Fórum Internacional de Pedagogia*, 4., 2012, Parnaíba. **Anais [...]**, Campina Grande: Editora Ralize, 2012. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/153>. Acesso em: 01 ago. 2021.

REIS, J. C. Marxismo e annales: “programas históricos” complementares, antagônicos ou “diferentes”? **Varia História**, Belo Horizonte, n. 19, p. 68-91, nov. 1998. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/561937b1e4b0ae8c3b97a702/t/5724c48362cd94a6ca0218c3/1462027411301/4_Reis%2C+Jose+Carlos+rev.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

REIS, J. C. O Historicismo: a redescoberta da História. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20551>. Acesso em: 18 ago. 2021.

REIS, J. C. Tempo, História E Compreensão Narrativa Em Paul Ricoeur. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20634>. Acesso em: 18 ago. 2021.

ROFF, S. A Room of Her Own: The Woman's Library, a Footnote to New York City Library History. **Information & Culture**, Austin, v. 49, n. 4, 2014. Disponível em: <https://www.utexaspressjournals.org/doi/10.7560/IC49403>. Acesso em:

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 5-6, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 22 jan. 2022

RUBIANO MONTAÑO, P.; VIVAS MORENO, A.; NUÑO MORAL, M. Metodología para la confección de un Sistema de Información Histórico Fotográfico para la historia local en Extremadura. El ejemplo de Los Santos de Maimona. **Revista General de Información y Documentación**, Madrid, v. 29, n. 1, p. 241-259, 2019. <https://doi.org/10.5209/rgid.64547>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SACHS, H. R. Reconstructing a Life: The Archival Challenges of Women's History. **Library Trends**, Baltimore, v. 56, n. 3, 2008. Disponível em: <https://muse-jhu-edu.ez46.periodicos.capes.gov.br/article/231692>. Acesso em: 5 jan. 2022

SALDANHA, G. **Ciência da informação: Crítica epistemológica e historiográfica**. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1101/1/SaldanhaGustavo_CI_CriticaEpistemologicaHistoriografica_2020a.pdf. Acesso em: 22 jan. 2022.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], v. 1, n. 1, mar. 1996. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22>. Acesso em: 26 ago. 2021.

SCHAFFNER, B. L.; BAIRD, B. J. Into the Dustbin of History? The Evaluation and Preservation of Slavic Materials. **College & Research Libraries**, [s. l.], v. 60, n. 2, p. 144-151, mar. 1999. Disponível em: <https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/15274>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SCHOLTZ, G. O problema do historicismo e as ciências do espírito no século XX. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 4, n. 6, p. 42-63, 2011. DOI: 10.15848/hh.v0i6.239. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/239>. Acesso em: 1 set. 2021.

SILVA, L. G.; OLIVEIRA, L. M. B. Ciência da informação e história: os estudos históricos nos programas de pós-graduação brasileiros da área de ciência da informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 2, p. 4-15, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/7785>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, T. J.; FREIRE, I. M. Historiografia e epistemologia na ciência da informação: um olhar sobre a literatura brasileira. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 10., 2019, Florianópolis. **Resumo** [...]. Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/531>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SILVA, T. J.; FREIRE, I. M. Historiografia e epistemologia no campo da ciência da informação: um olhar sobre a literatura brasileira. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abcib/article/view/39995>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SMIT, J.; TÁLAMO, M. F. G. M. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? *In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). Informação e Contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007. p. 27-46. Disponível em: [http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgci/publicacoes%20-%20informacaoContemporaneidade\(1\).pdf](http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgci/publicacoes%20-%20informacaoContemporaneidade(1).pdf). Acesso em: 22 maio 2019.

STIMSON, N. F.; NOBUNAGA, W. Y. Life and times of John H. Hickcox: Government publications history revisited. **Journal of Government Information**, [s. l.], v. 22, n. 5, p. 403-412, set./out. 1995. Disponível em: <https://www->

sciencedirect.ez46.periodicos.capes.gov.br/science/article/pii/135202379500016V?via%3Dihub. Acesso em: 3 jan. 2022

TORRES, L. H. O conceito de história e historiografia. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, v. 8, p. 53-59, 1996. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/443>. Acesso em: 13 set. 2021.

TURNBULL, P. Managing and mapping the history of collecting indigenous human remains. **The Australian Library Journal**, [s. l.], v. 65, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi-org.ez46.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00049670.2016.1207714>. Acesso em: 5 jan. 2022.

VANZ, S. A. de S. Revista Em Questão: 35 anos de história. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/111420>. Acesso em: 29 dez. 2021.

WALKER, I. W.; HALVEY, M. On designing an oral history search system. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 73, n. 6, 2017. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/JD-10-2016-0121/full/html>. Acesso em: 3 jan. 2022.

ZEREGA-GARAYCOA, M. M. Un “tuitero” por la independencia: el uso de Twitter para la enseñanza de historia. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [s.l.], v. 4, n. 2, p. 74-83, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/43596>. Acesso em: 10 jan. 2022.

ZUCCALA, A. A. et al. Can we rank scholarly book publishers? A bibliometric experiment with the field of history. **Journal of The Association for Information Science and Technology**, [s. l.], v. 66, n. 7, p. 1333-1347, jul. 2015. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.23267>. Acesso em: 4 jan. 2022

ABSTRACT

The theme of this article is interdisciplinarity as applied to the intersections between History and Information Science (IC). The general objective is to identify which are the historiographical currents most used in scientific articles in IC, retrieved in WoS. Therefore, the following specific objectives are defined: a) Briefly describe the historiographical currents identified in the subarea of Theory of History; b) Characterize the quantitative and qualitative aspects of the production recovered in WoS; c) Categorize the production recovered in WoS into sub-areas, based on the themes of these scientific productions; d) Identify the historiographical currents and the most used History authors in the production recovered in WoS. In the methodological aspect, it is about basic, qualitative, descriptive, and exploratory research, with a technical procedure of bibliographic research and narrative literature review. As a result, a synthetic table of the main historiographical currents is presented, general data of scientific production such as authors, their professional profiles, publication periods and the journals that most published articles on the subject. In addition, it is shown that the main themes that relate History to IC are oral history, local history, history of the book, history of teaching and relations between IC and the history of health information. The authors that serve as a reference for both areas are Michel Foucault and Peter Burke, and the historiographical currents of greatest influence are the New Cultural History and the Annales School. It is concluded that the influence of the authors and the historiographical currents found give the international

scientific production in IC a critical, political, cultural, and social character.

Keywords: Currents of thought. Epistemology of Information Science. Interdisciplinarity. Historiography.